



## Uma perspectiva antropológica sobre o comportamento político e a participação democrática em Moçambique

*An anthropological perspective on political behavior  
and democratic participation in Mozambique*

Paulo Albino Mahumane<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste ensaio, proponho fazer uma abordagem sobre o comportamento político em Moçambique, teorizando sobre o conceito de democracia e sua operacionalização prática no contexto de Moçambique. A abordagem trazida é antropológica e procura desta forma fazer uma interpretação sobre a implementação da prática democrática no contexto moçambicano e as diferentes práticas e significados produzidos no país, que permitem compreender que a democracia é mais do que um pacote de exigências trazidas pelo Ocidente como condicionante para aceder aos apoios económicos, mas um processo que implica diálogo, concessões contextuais. Não é algo dado como garantido. A abordagem sobre as várias transições políticas e económicas passadas por Moçambique será útil para a compreensão do contexto da "democracia à moçambicana" e aos significados construídos sobre a mesma em tempos de neoliberalismo.

**Palavras-chave:** Moçambique; Democracia; Comportamento Político; Participação Democrática.

**Abstract:** In this essay, I propose to approach the political behavior in Mozambique, theorizing about the concept of democracy and its practical operationalization in the context of Mozambique. The approach brought is anthropological and thus seeks to interpret the implementation of democratic practice in the Mozambican context and the different practices and meanings produced in the country, which make it possible to understand that democracy is more than a package of requirements brought by the West as a condition to access economic support, but a process that implies dialogue, contextual concessions. It is not taken for granted. The approach to the various political and economic transitions experienced by Mozambique will be useful for understanding the context of "democracy to the Mozambican" and the meanings built on it in times of neoliberalism.

**Keywords:** Mozambique; Democracy; Political Behavior; Democratic Participation.

---

<sup>1</sup> Professor na Universidade Pedagógica de Maputo e estudante de Doutoramento em Antropologia Cultural pela Universidade de Uppsala, Suécia. Emails: [paulo.mahumane@antro.uu.se](mailto:paulo.mahumane@antro.uu.se) e [pmahumanes@gmail.com](mailto:pmahumanes@gmail.com)

## Democracia: da teoria à prática

Ao contrário da visão de que a onda de democratização em África e em outros contextos traria mais participação da sociedade civil e de Estados mais conscientes da liberdade de expressão, a realidade tem mostrado que neles existe o surgimento de Estados semi autoritários e mecanismos informais de protesto que desafiaram as proposições das ciências políticas sobre o conceito de democracia. A antropologia tem demonstrado, por meio de experiências cotidianas sobre a democracia, que esta é mais do que algo normativo e que os contextos sociais democráticos desafiam esse tipo de conceituação.

É muito interessante observar, através da literatura antropológica sobre democracia, que o processo de democratização a que muitos países, principalmente africanos, foram submetidos nos anos 1980, quando o bloco socialista liderado pela URSS ruuiu<sup>2</sup>, não produziu o envolvimento e ou participação dos cidadãos dos respectivos países, pois o novo projeto político capitalista que apostou na lógica do mercado e no gerencialismo tecnocrático apareceu como forma reinante de governação, tentando obscurecer as divergências políticas. Com a distribuição de papéis entre o Estado e o Mercado, os proponentes do projeto político neoliberal esperavam encontrar uma forma de vida social livre de desafios, mas o neoliberalismo nunca produziu consenso e em muitos lugares as limitações e contradições dessa forma de governação apareceram, assim como outras formas e modalidades de política surgiram<sup>3</sup>. Para Comaroff e Comaroff<sup>4</sup>, a democracia tornou-se para o *homo politicus* o que as compras sempre foram para o *homo economicus*.

O contexto oferece uma forma de perceber o motivo da não apropriação da democracia normativa em alguns contextos, segundo a literatura, que na prática muitas vezes se preocupa mais com a sua componente técnica<sup>5</sup> e não com os significados que lhe são atribuídos pelos cidadãos e os contextos em que é implementada. Por outro lado, a democracia para sua implementação, principalmente em países africanos e latino-americanos, vem com um pacote de restrições políticas capitalistas ocidentais<sup>6</sup> que muitas vezes, em vez de melhorar as condições de vida de seus

2 COMAROFF, John L. and COMAROFF, Jean. *Postcolonial Politics and Discourses of Democracy in Southern Africa: An Anthropological Reflection on African Political Modernities*. Journal of Anthropological Research 53(2), 123-146, 1997.

3 POSTERO, Nancy and ELINOFF, Eli. *Introduction: A return to politics*. Anthropological Theory 19(1), 3–28, 2019.

4 1997. Op. cit., p.125.

5 COLES, Kimberley A. *Election Day: The construction of democracy through technique*. Cultural Anthropology 19(4), 551-580, 2004.

6 PALEY, Julia. *Toward an Anthropology of Democracy*. Annual Review of Anthropology 31, 469-496, 2002; PALEY, Julia (ed.). *Democracy: Anthropological Approaches*. Sante Fe: School for Advanced Research Advanced Seminar Series, 2008; ELLISON, Susan. *Replicate, facilitate, disseminate: The micropolitics of US democracy promotion in Bolivia*. Political and Legal Anthropology Review 38(2), 318-337, 2015; POSTERO, Nancy and

cidadãos, as torna mais caras, levando ao desenvolvimento de formas internas de resistência, em nome da mesma democracia<sup>7</sup>. Em muitos contextos considerados democráticos ainda há uma continuidade entre o período pré-democrático<sup>8</sup>, com lideranças no poder que se preocupam em perpetuar o mesmo, não querendo se desfazer dele, provocando um desengajamento cívico dos cidadãos, greves e muitas outras formas de resistência<sup>9</sup>. A falta de educação cívica dos cidadãos sobre a democracia, é também um elemento que impede sua apropriação em muitos contextos já considerados democráticos, fato que leva a diversas interpretações sobre o fenômeno.

### **A transição democrática em alguns regimes africanos**

Quando proponho a discussão de alguns regimes africanos e sua transição democrática, estou mais preocupado em perceber, em uma perspectiva antropológica, quais são os efeitos ou respostas no nível macro da sociedade sobre as mudanças de um período de centralização política para um período considerado de abertura política democrática.

A geografia política da época da guerra fria estava dividida em dois blocos: o comunista, que defendia a centralização política, e o capitalista, que defendia a economia de mercado e um projeto político liberal. Estados-nação que adotaram o modelo socialista centralizado produziram regimes autoritários e semi-autoritários de partido único que em seu seio a forma de participação cidadã na vida política era ditada mais pelo modelo de cima para baixo, constituindo-se, neste caso, em ditaduras.

Gray<sup>10</sup>, em sua abordagem aos partidos políticos e às novas nações africanas, questiona se as instituições políticas e os usos invariavelmente associados à democracia nas nações ocidentais são essenciais em África para manter os valores básicos da democracia. Para ele, os africanos não estão sujeitos ao modelo multipartidário, que permite a existência de partidos de oposição, uma vez que a questão do voto e da decisão da maioria, que é um procedimento básico da democracia parlamentar, não é um traço característico da sociedade “tribal” africana. Para Gray, a África seria circunscrita à criação de novos sistemas políticos baseados nos recursos sociais e tradicionais africanos.

A abordagem de Gray, apesar de ser um ponto de partida para a análise das sociedades africanas em que democracias e modelos multipartidários são um fracasso, falha em não trazer os

---

ELINOFF, Eli. *Introduction: A return to politics*. *Anthropological Theory* 19(1), 3–28, 2019.

7 MONGA, Célestin. *The Anthropology of Anger; Civil Society and Democracy in Africa*. Boulder, Colorado: Lynne Rienner, 1996; HAGBERG, Sten. *Traditional Chieftaincy, Party Politics, and Political Violence in Burkina Faso*. In: *State Recognition and Democratization in Sub-Saharan Africa: A New Dawn for Traditional Authorities?* (eds) Lars Buur and Maria Hélène Kyed (eds) New York: Palgrave Macmillan, 2007.

8 MONGA, 1996. Op.cit.

9 HAGBERG, 2007. Op. cit.

10 GRAY, Robert F. *Political Parties in New African Nations: An Anthropological View*. *Comparative Studies in Society and History* 5(4), 449-461, 1963.

contextos africanos em que modelos multipartidários e ou democráticos ao estilo ocidental não se encaixam por serem sociedades *tribais*. Sua abordagem é generalizada e toma como ponto de partida o ensaio de Meyer Fortes & Evans Pritchard<sup>11</sup> sobre os sistemas políticos pré-coloniais para falar sobre os Estados africanos modernos.

Comaroff & Comaroff<sup>12</sup> conseguiram demonstrar, através do contexto de Botswana, como o modelo multipartidário que se pretendia implementar no país foi categoricamente rejeitado pelos Tswanas, incluindo aqueles que eram opositores do *Partido Democrático do Botswana* (BDP) que estava no poder. Considerado como um "modelo" de democracia ideal ocidental, o fato de terem mudado do estilo multipartidário britânico para o de partido único levou os observadores estrangeiros a chamarem os eleitores Tswanas de ignorantes quando se tratava de questões relacionadas à política nacional no fim da década de 1970 e início de 1980. A visão acima, conforme Comaroff & Comaroff, demonstra uma forma linear e pejorativa de lidar com a questão política em África, que muitas vezes é chamada de adjetivos como comunalista, clientelista, patriarcal, paternalista, termos que mais uma vez precisam ser retrabalhados e contextualizados.

O sistema de partido único em Botswana, ao contrário de muitos casos em África, onde foi um fracasso, está enraizado em formas locais de democracia, porque para elas poderia promover uma melhor governação e uma democracia mais participativa. O ideal Tswana dos meios de governação foi elaborado, matizado e duradouro. Seu sistema político, chamado *Kgotla*, era mais do que um fórum onde as políticas sociais eram discutidas. No(a) *Kgotla* ~~onde~~ os cidadãos eram representados principalmente em conselhos e podiam participar livremente em assembleias regulares e um local para um discurso contínuo sobre governação, sociedade civil, autoridade, soberania e simultaneamente um espaço de contestação em que os poderes de um governante vivo eram negociados e recebiam a circulação social. A política, em contraste com os estados-nação ocidentais, onde é vista como proveniência da política partidária, em *Kgotla* era tida como um produto do discurso público<sup>13</sup>. Essa maneira de fazer política no estilo de *Kgotla* permaneceu no imaginário político do Botswana pós-independente.

É muito sugestivo que a questão dos processos de democratização, especialmente nos países africanos, coincida com a crescente insignificância dos governos e a crescente crise dos Estados-nação. Comaroff & Comaroff, em sua posição referem que

---

11 EVANS-PRITCHARD, Edward & FORTES, Meyer. *African Political Systems*. Oxford, Oxford University Press, 1940.

12 1997. Op.cit.

13 COMAROFF & COMAROFF, 1997. Op.cit, p.135.

as pessoas estão sendo fortalecidas na política do Estado no exato momento em que o Estado está se tornando irrelevante e as políticas que contam estão se movendo em outros lugares para processos e instituições globais, para o mundo corporativo, a mídia e os movimentos sociais, no terreno da sociedade civil, e assim por diante<sup>14</sup>.

A transição democrática nos países da África subsaariana trouxe um conjunto de constrangimentos, como me refiro acima, e alterou a configuração dos Estados, outros tornando-se ainda mais autoritários como forma de controle e preservação do poder<sup>15</sup>, outros inovando e moldando os cidadãos de seus Estados por meio de uma nova agenda<sup>16</sup>. Alguns, para atrair os investimentos dos parceiros ocidentais, continuaram a usar "a capa" de que são democráticos, enquanto o contexto local mostrou mais repreensão política aos seus adversários políticos diretos, bem como a sua intolerância. Hagberg<sup>17</sup>, a esse respeito, fala de democracia de dupla face. Por outro lado, devido à natureza dos novos Estados que não conseguiram se fazer presentes no cotidiano de seus cidadãos, por meio da prestação de serviços básicos do Estado, viram em seu contexto o surgimento de movimentos sociais informais de diversas naturezas como forma de fazer política<sup>18</sup>.

### **A prática e o discurso sobre democracia em Moçambique**

Discursos e práticas democráticas no Moçambique contemporâneo encontram-se no processo da gênese da *Frente de Libertação de Moçambique* (FRELIMO)<sup>19</sup>, movimento que moveu a Luta Armada de Libertação Nacional contra o Colonialismo Português a partir de 1964. Um outro momento sobre de práticas e discursos sobre a democracia em Moçambique encontra-se logo após a independência do país, em 1975, caracterizado por ser de um centralismo democrático, em que a participação democrática é feita e apenas permitida através de canais partidários como a *Organização da Mulher Moçambicana* (OMM), a *Organização dos Trabalhadores Moçambicanos* (OTM) e a *Organização da Juventude Moçambicana* (OJM), estabelecidas depois da independência do país durante a Luta Armada de Libertação Nacional e que propunham substituir as velhas

---

14 1997. Op. cit., p.126.

15 MONGA, 1996. Op. cit.

16 SUNDBERG, Molly. *Training for Model Citizenship: An Ethnography of Civic Education and State-Making in Rwanda*. New York: Palgrave Macmillan. Chapter 5: Model Citizens in the Making: Government as Designed, and Chapter 6: "Manufacturing" Model Citizens: Governing in Everyday Encounters, 2016.

17 HAGBERG, S.; KIBORA, L.; BARRY, S. GNESSI, S. and KONKOBO, A. *'Nothing will be as before': Anthropological perspectives on political practice and democratic culture in 'a new Burkina Faso'*. Uppsala Papers in Africa Studies 3. Uppsala: Uppsala University, 2018.

18 MONGA, 1996. Op.cit.

19 Ela resulta da fusão de três movimentos nacionalistas, nomeadamente a UDENAMU, MANU e UNAMI. O responsável pela sua unificação foi Eduardo Mondlane, que foi eleito presidente do mesmo a 25 de Junho de 1962. Do primeiro Congresso da organização até ao terceiro Congresso, este é designado em letras maiúsculas (FRELIMO), mas após o mesmo Congresso, este declarou-se Marxista e Leninista e se tornou Partido, passando a escrever-se Frelimo para a sua designação. Ao longo de todo o texto refiro-me a este como Partido e não uma Frente.

instituições e introduzir novos valores.

Buur & Kyed<sup>20</sup> referem que participação na vida sociopolítica do país permitida através dos canais partidários, de forma hierárquica, de cima para baixo, passou a ser fonte de descontentamento, principalmente nas áreas rurais, onde as chefias tradicionais tinham suas bases e foram substituídas pelos *Grupos Dinamizadores*. A *Resistência Nacional Moçambicana* (RENAMO)<sup>21</sup>, que surge logo após a independência, tinha a sua base social localizada no campo, devido ao apoio popular da zona rural e prometia o reconhecimento das chefias tradicionais quando tomasse o poder.

As autoridades tradicionais, que na época colonial eram denominadas de régulos, foram formalmente excluídas da participação nas novas hierarquias do Estado-partido da Frelimo, tendo sido substituídas na nova ordem política pelos Grupos Dinamizadores, chefiados por secretários nomeados pelo mesmo Partido. Os Grupos Dinamizadores faziam parte do programa de construção de um Partido-Estado que pretendia romper com o sistema bifurcado de governação colonial, com cidadãos regidos por lei nas áreas urbanas e sujeitos regidos por costumes nas áreas rurais<sup>22</sup>.

Por outro lado, as chefias tradicionais voltaram a ser predominantes no processo de participação política e Kleist<sup>23</sup> refere que, ao contrário das expectativas dos teóricos modernistas, as instituições tradicionais de chefia não desapareceram nem foram substituídas por instituições modernas de governação. Em Moçambique, elas começam a ganhar o seu espaço como formas legítimas de participação política no período de transição democrática, após a entrada em vigor a nova constituição multipartidária de 1990<sup>24</sup>.

Mais do que pensar na "retradicionalização" da vida política no contexto da transição democrática em alguns países africanos, é preciso refletir sobre o lugar conferido às chefias tradicionais no novo espaço democrático. O caso de Moçambique mostra uma ambiguidade quanto ao espaço de participação ou de decisão destas na vida política nacional, o que implica que o decreto 15/2000, que reconhece as chefias tradicionais como entidade política legítima, não está a ser plenamente aplicado em termos práticos. Em Moçambique, a relevância das autoridades tradicionais se situa na esfera do meio rural, onde os seus dirigentes têm peso na vida da governação local, cabendo, por exemplo, o papel de mobilização comunitária para a cidadania, educação,

---

20 BUUR, Lars and KYED, Maria Hélène. *Introduction: Traditional authority and democratization in Africa*. In: *State Recognition and Democratization in Sub-Saharan Africa: A New Dawn for Traditional Authorities?* (eds) Lars Buur and Maria Hélène Kyed (eds) New York: Palgrave MacMillan, 2007.

21 No início, quando foi criada com o apoio da Rodésia do Sul de Ian Smith, a sua designação era MNR (Mozambican National Resistance).

22 BUUR & KYED, 2007. Op. cit.

23 KLEIST, Nauja. *Modern chiefs: tradition, development and return among traditional authorities in Ghana*. *African Affairs* 110(441), 629–647, 2011.

24 BUUR & KYED, 2007. Op. cit.

educação em saúde, além de seu papel de agentes guardiões da tradição, dirigindo as cerimônias religiosas tradicionais para que eventos de qualquer natureza em sua comunidade ocorram de forma normal.

Por exemplo, West<sup>25</sup> demonstra como a ambiguidade no tratamento das autoridades tradicionais ocorria em todo o país, ao referir que nas áreas sob a influência da RENAMO, os funcionários da Frelimo fizeram aberturas substanciais aos ex-chefes, em particular onde acreditavam que isso poderia afastar a balança de apoio à RENAMO, enquanto noutros locais os quadros da Frelimo expressaram graves preocupações de que as autoridades tradicionais não seriam necessariamente qualificadas para cumprir os deveres da administração estatal moderna. A ambiguidade a que se refere aqui também é observada no distrito de Mueda<sup>26</sup>, onde as autoridades tradicionais foram reconhecidas como líderes comunitários, e receberam uniformes e bandeiras trabalhando sob a orientação da Frelimo.

Sundberg<sup>27</sup> demonstra, através do contexto de Ruanda, como os funcionários do Estado responsáveis por formar os cidadãos ideais para o país no programa *Itorero*<sup>28</sup> enfatizam os princípios democráticos liberais, enquanto na prática o governo projeta um ideal de cidadãos em combinação com traços característicos socialistas, coloniais e também liberais. Os cidadãos, sendo apenas ensinados a cumprir diretrizes superiores e a repetir os *slogans* que engrandecem o país, como bater palmas e entoar as canções que permitiram a idealização do novo cidadão exigido pelo Estado. Como diz Sundberg, Ruanda não é um Estado autoritário, mas um Estado de dominação porque o poder, em um modelo de cima para baixo, consegue influenciar, agir, persuadir e internalizar certas regras nos cidadãos, o que está associado à governabilidade. Seu sucesso depende da aceitação dos cidadãos no momento de sua inscrição no programa.

Em uma análise comparativa em relação ao conceito de *cidadãos-modelo* no contexto de Ruanda, verifica-se que em Moçambique após a independência se tentou moldar a cidadania dos moçambicanos pelo Estado dirigido pela Frelimo, mas que foi condenado ao fracasso por causa do programa socialista que, em uma das suas vertentes preconizava a socialização do campo, não tendo raízes internas, mas algo importado e que se distanciava da realidade local, o que dificultava a sua

---

25 WEST, Harry G. “*Govern Yourself!*”: *Democracy and Carnage in Northern Mozambique*. In: *Democracy: Anthropological Approaches* (ed.) Julia Paley. Santa Fe: School for Advanced Research Advanced Seminar Series, 97-121, 2008.

26 É um distrito histórico no cenário da política nacional e é considerado o bastião do Partido Frelimo, pelo facto do principal grupo componente da Frelimo, os Makonde serem originários deste distrito. Foi o local que sucedeu o primeiro massacre em que um conjunto de nacionalistas moçambicanos pediu às autoridades Portuguesas a outorgação da independência no dia 16 de Junho de 1960.

27 SUNDBERG, Molly. *Training for Model Citizenship: An Ethnography of Civic Education and State-Making in Rwanda*. New York: Palgrave Macmillan. Chapter 5: Model Citizens in the Making: Government as Designed, and Chapter 6: “Manufacturing” Model Citizens: Governing in Everyday Encounters, 2016.

28 Modelo pré-colonial que foi aplicado à educação cívica e ao treinamento de novos cidadãos após o genocídio de Ruanda e é parte integrante do programa do governo de Ruanda.

apropriação pelas pessoas. Por outro lado, a deslegitimação das autoridades tradicionais, que eram uma espécie de representação da sociedade civil no meio rural, contribuiu para a negação ou aceitação popular.

Por sua vez, Monga<sup>29</sup> refere que é importante reter o fato de que as formas informais de protesto são provocadas pela raiva desenvolvida por cidadãos em regimes considerados autoritários, onde as pessoas subvertem as regras, não pelo confronto direto, mas pelo uso delas para objetivos contrários ao que foi definido. Isso se chama *indisciplina*, em suas palavras. Hagberg<sup>30</sup> demonstra, por meio do caso de Burkina Faso, como os jovens e as mulheres desempenharam um papel importante para as mudanças políticas no país depois que o presidente Compaoré propôs mudar a constituição para sua permanência como presidente vitalício. Logo, uma série de movimentos da sociedade civil emergiram e foram às ruas por protestos e atos de desobediência civil, após os quais o presidente fugiu para a Costa do Marfim. Em outro momento, quando tentou retornar ao poder por meio de um golpe militar, jovens e mulheres mostraram seu papel como forças sociais vivas para as mudanças democráticas no país.

### **Uma análise do contexto moçambicano: práticas e significados no âmbito da transição democrática**

Moçambique logo após a independência em 1975 foi assolado por uma Guerra Civil que só veio a terminar em 1992, com a assinatura do Acordo Geral da Paz (AGP), entre o governo da Frelimo e a RENAMO na capital italiana, Roma. Foram as consequências da guerra civil que obrigaram Moçambique a procurar ter um diálogo positivo com o Ocidente para captar apoio econômico e iniciar as conversações de paz entre as partes em conflito.

Segundo Castel-Branco<sup>31</sup>, no segundo semestre de 1984, o governo moçambicano ratificou um acordo com agências internacionais de ajuda, como o Banco Mundial (BM) e o Fundo Monetário Internacional (FMI). Esse acordo permitia a Moçambique aceder a empréstimos das suas agências financeiras através de concessões e créditos bilaterais. Em 1987, um conjunto de reformas econômicas começou a ser implementado com a introdução do Programa de Reabilitação Econômica (PRE) e seu componente social designado PRES em 1989, patrocinado pelo BM e FMI.

As reformas econômicas também foram complementadas por reformas no regime político, que buscaram construir um sistema multipartidário e criar novas estruturas de poder político no nível local de governo. Para tal, em 1990 o país adotou uma nova Constituição que introduziu o pluralismo político, a democracia partidária e o reconhecimento das autoridades tradicionais e de

---

29 1996.Op.cit.

30 HAGBERG et al. , 2007. Op. cit.

31 CASTEL-BRANCO, Carlos. *Moçambique-perspectivas económica*. Maputo: UEM, 1994.

outras esferas da sociedade civil. A Guerra Civil entre a Frelimo e a RENAMO terminou em 1992 com a assinatura da (AGP), após dois anos de uma nova Constituição da República.

As primeiras eleições presidenciais e legislativas no país foram realizadas em 1994, tendo sido ganhas pelo então presidente Joaquim Chissano, candidato da Frelimo<sup>32</sup> e pelo mesmo Partido nas legislativas. Atualmente são três as principais forças políticas em Moçambique e com representação no Parlamento, nomeadamente a Frelimo, a RENAMO e o *Movimento Democrático de Moçambique* (MDM)<sup>33</sup>. A descentralização do poder político ocorreu posteriormente em Moçambique com a introdução de um sistema de governos eleitos localmente (municípios) pela Lei 2 de 1997, que permitiu a desconcentração do sistema administrativo local do Estado nas áreas rurais e o reconhecimento formal das autoridades tradicionais como resultado do Decreto 15/2000. Em 1998, a lei previa eleições democráticas em trinta e três municípios urbanos<sup>34</sup>.

O olhar antropológico trazido aqui permite enxergar para além do que são transições políticas oficiais, centrando-se nas práticas, significados locais, discursos circulantes que acompanham a instalação de novos regimes políticos. Os antropólogos têm se preocupado em analisar os efeitos práticos das transições políticas para a democracia e têm demonstrado criticamente e contradito a ideia de que as mesmas mudanças tiveram um caráter positivo nas sociedades<sup>35</sup>.

A abordagem etnográfica da democracia também é mais abrangente porque permite ter posições e discursos sobre sua implementação a partir de baixo, permitindo assim captar as práticas e os significados da democracia por cidadãos comuns que muitas vezes são silenciados nos discursos oficiais<sup>36</sup>. As observações antropológicas sobre a democracia incluem uma análise dos movimentos sociais, direitos humanos, lei, cidadania, burocracia, violência, forças armadas, pós-colonialismo, Estado, globalização, poder, organizações não governamentais e sociedade civil<sup>37</sup>, eleições<sup>38</sup> e descentralização<sup>39</sup>.

No contexto do Estado-nação moderno, as eleições multipartidárias são frequentemente a componente mais celebrada da democracia<sup>40</sup> e todo um conjunto de procedimentos cívicos técnicos

---

32 Em Moçambique, desde que as eleições presidências e legislativas foram instituídas em 1994 num período de cinco a cinco anos, sempre foram ganhas pela Frelimo.

33 Dirigido pelo Daviz Simango, filho de um combatente da Frelimo, Urias Simango, que chegou a ser vice-presidente da Frelimo, mas que depois viera a ser expulso por ser acusado de traidor. O MDM governa atualmente o município da Beira, a segunda maior cidade de Moçambique.

34 BUUR & KYED, 2007. Op.cit., p.105.

35 PALEY, 2002. Op.cit.

36 HAGBERG et al, 2018. Op.cit.

37 PALEY, 2002. Op. cit.

38 COLES, 2004. Op. cit. HAGBERG et al, 2018. Op.cit.

39 HAGBERG, Sten. *Inventing and Mobilising the Local: Decentralisation and Citizen Participation in West Africa*. APAD-Bulletin 31-32. LIT Münster: Verlag, 3-34, 2010; HAGBERG et al, 2018. Op. cit.

40 WEST, 2008. Op.cit.

são observados para sua realização. A pesquisa etnográfica costuma criticar o olhar técnico que tem sido dado aos processos eleitorais, em detrimento dos significados contextuais e das construções práticas do processo eleitoral. A antropologia, segundo Spencer<sup>41</sup>, tem analisado a eleição, mais como um ritual que legitima todo o sistema político como resultado da participação popular.

Ao se descontextualizar as ideias políticas neoliberais se permite a pesquisa e a compreensão da democracia como um conjunto de práticas e artefatos ligados à própria sociedade. A democracia não é externa à sociedade. Ela é contextualizada por seus praticantes, que é a sociedade. A literatura sobre o processo de indução e importação da democracia para diferentes sociedades tem mostrado que, embora as sociedades recebam valores democráticos impostos, sua operacionalização na prática não é linear, encontrando algumas resistências em sua disseminação na forma e no conteúdo. A sua replicação demonstra como, nos contextos de difusão, realizam-se os diálogos com as práticas locais e se incorporam valores que na realidade dos modelos democráticos liberais não seriam aceitáveis.

Monga<sup>42</sup> enfatiza que uma das formas de luta pela democracia em regimes autoritários é a manifestação de oposição ao governo. O autor destaca a necessidade de uma antropologia da raiva, porque nesta era de democratização o legado vicioso da raiva é um fator de instabilidade política e sustentabilidade democrática. A privação e o potencial de ação são descritos como úteis para compreender como a frustração pode impulsionar os indivíduos a participar de algum tipo de protesto político. Por sua vez Honwana<sup>43</sup>, analisando o movimento da Primavera Árabe, aponta que a política de marginalização dos jovens nas áreas socioeconômicas é apontada como a razão para a contestação das elites políticas.

No ano de 2008 houve, pela primeira vez, manifestações organizadas com mais impacto na história do Moçambique pós-independente. Estas manifestações eram feitas principalmente pelos jovens, que reclamavam contra o aumento das tarifas de autocarros por 50%. Honwana<sup>44</sup> descreve o sucedido da seguinte maneira:

Os manifestantes ergueram barricadas e queimaram pneus para cortar as principais vias de acesso ao centro da cidade. Logo os protestos degeneraram em saques. Jovens desempregados furiosos assumiram o controle das ruas, vandalizaram lojas e carros e paralisaram a cidade, expressando sua frustração com a péssima situação econômica do país. A polícia respondeu atirando para o alto na tentativa de dispersar a multidão, mas os manifestantes responderam atirando pedras. Uma pessoa morreu e várias outras ficaram feridas....

---

41 SPENCER, Jonathan. *Anthropology, Politics, and the State: Democracy and Violence in South Asia*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

42 1996. Op. cit.

43 HONWANA, Alcinda. *Youth Struggles: From the Arab Spring to the Black Lives Matter & Beyond*. African Studies Review 62(1), March 2019, 8-21, 2019.

44 HONWANA, Alcinda. *The Time of Youth: Work, Social Change, and Politics in Africa*. Boulder, Colorado: Lynne Rienner Publishers, 2012, p.128.

Esta forma encontrada pela população, principalmente das camadas mais jovens, resulta de um modelo de participação política de exclusão, onde os jovens encontram a forma de expressão na rua, através de desobediência pública crescente. Foi a partir destas manifestações juvenis no ano de 2008 que o governo Moçambicano passou a fazer o controle, registando números de telefones celular, dado que a juventude se comunicava através desta plataforma para fazer convites para a participação nas manifestações. Foi também a partir destes eventos de 2008 que o governo apetrechou mais as forças policiais com equipamentos como blindados, passando a vigiar lugares de muita concentração de jovens, principalmente nos mercados informais.

Uma outra forma de ver a interpretação da democracia nos seus termos num contexto de Moçambique é trazida por West<sup>45</sup> quando analisa o terror que os leões perpetraram na matança às populações indefesas no distrito de Muidimbe, planalto de Mueda, província de Cabo Delgado no norte de Moçambique. Depois que a população pediu à administração do distrito, bem como à província de Cabo Delgado e não conseguiu acabar com a carnificina, os aldeões procuraram resolver a questão pelas próprias mãos, matando vários leões, colocando armadilhas na aldeia ou caçando-os com arco e flecha. Uma das causas que os moradores locais deram ao fenômeno intermitente ligado à matança de leões foi associada a acusações de bruxaria nas quais alguns deveriam se transformar em leões e realizar uma série de assassinatos.

Um fato interessante sobre a análise do motivo pelo qual as pessoas puderam ser incorporadas aos leões, e realizar toda uma série de carnificinas pelo local, é que as pessoas eram livres, podiam fazer o que quisessem e antes não se podia fazer algo semelhante. Em outras palavras, a explicação que se deu localmente ao fenômeno dos assassinatos foi a democracia que os moradores se apropriaram em seus próprios termos e em sua visão de sociedade corporificada em suas linguagens que emergem em suas vidas relacionadas a medos e pesadelos cotidianos, sendo a feitiçaria um dos elementos que explicam o cotidiano em Mueda.

West também menciona que em Mueda, no contexto das reformas democráticas que estavam em curso na época da carnificina, os moradores se engajaram com a linguagem de poder falada pelos reformadores democráticos, adaptando alguns termos e conceitos do léxico da democracia enquanto dispensavam ou ignoravam outros. Outra lição que os aldeões do planalto de Mueda aprenderam sobre a implementação da democracia em seu contexto, é que a economia de mercado promoveu entre eles um conflito irresistível em seu meio e forneceu cobertura para os atores políticos dominantes renunciarem às responsabilidades da autoridade e se alimentarem às custas de outros.

---

45 2008. Op. cit.

Mais do que pensar em uma visão normativa da democracia, realidades culturais como a de Mueda são um verdadeiro campo semântico no qual se pode combinar discurso normativo sobre democracia e práticas sobre a mesma democracia. A antropologia, como venho referindo ao longo das abordagens feitas acima no presente trabalho, por meio de seus métodos que favorecem o diálogo, a interação com seu objeto empírico, tem contribuído para facilitar a compreensão e o fortalecimento da ideia sobre a construção da democracia em intersecção com os significados existentes em vários contextos sociais.

### **Considerações Finais**

No presente trabalho demonstrei através de uma perspectiva antropológica, como a democracia é mais um processo e / ou produto de significados contextuais do que algo dado como certo. Demonstro em minha abordagem que, paralelo ao discurso político neoliberal, que buscou promover uma nova onda de democracias em um novo contexto em África, os contextos locais demandaram mais negociações e concessões, não sendo implementados literalmente no estilo ocidental da democracia.

Por outro lado, os pacotes democráticos propostos pela nova ordem neoliberal impõem restrições aos Estados no contexto da economia de mercado, no sentido de reabrir suas economias no contexto internacional, envolvendo-se, assim, em uma espécie de governação global, que os fragiliza e impossibilita-os para realizar seu papel como provedores de bem-estar social. Por esta e outras razões, uma onda de contestação aos novos regimes democráticos começa em vários países como, Burkina Faso e Moçambique. A insatisfação gerou novas formas informais de fazer política, que muitas vezes vão contra a forma clássica de protesto embutida nas organizações políticas formais.

Os exemplos levantados e discutidos na obra demonstram como, em diferentes contextos a democracia se constrói, mobiliza e quais são os significados em torno dela. Analisar o cotidiano da democracia é uma forma de demonstrar que a democracia não pode ser considerada normativa, mas substantiva.

## Referências bibliográficas

BUUR, Lars and KYED, Maria Hélène. *Introduction: Traditional authority and democratization in Africa. In: State Recognition and Democratization in Sub-Saharan Africa: A New Dawn for Traditional Authorities?* (eds) Lars Buur and Maria Hélène Kyed (eds) New York: Palgrave Macmillan, 2007.

\_\_\_\_\_. *Traditional authority in Mozambique: The legible space between state and community. In: State Recognition and Democratization in Sub-Saharan Africa: A New Dawn for Traditional Authorities?* (eds) Lars Buur and Maria Hélène Kyed (eds) New York: Palgrave Macmillan, 2007.

CASTEL-BRANCO, Carlos. *Moçambique-perspectivas económicas*. Maputo: UEM, 1994.

COLES, Kimberley A. *Election Day: The construction of democracy through technique*. *Cultural Anthropology* 19(4), 551-580, 2004.

COMAROFF, John L. and COMAROFF, Jean. *Postcolonial Politics and Discourses of Democracy in Southern Africa: An Anthropological Reflection on African Political Modernities*. *Journal of Anthropological Research* 53(2), 123-146, 1997.

ELLISON, Susan. *Replicate, facilitate, disseminate: The micropolitics of US democracy promotion in Bolivia*. *Political and Legal Anthropology Review* 38(2), 318-337, 2015

EVANS-PRITCHARD, Edward & FORTES, Meyer. *African Political Systems*. Oxford, Oxford University Press, 1940.

GRAY, Robert F. *Political Parties in New African Nations: An Anthropological View*. *Comparative Studies in Society and History* 5(4), 449-461, 1963.

GRISAFFI, Thomas. "All of us are Presidents": *Radical democracy and citizenship in the Chapare Province, Bolivia*. *Critique of Anthropology* 33(1), 47-65., 2013.

GREEN, Maia. *After ujamaa? Cultures of governance and the representation of power in Tanzania*. *Social Analysis* 54(1), 15-34, 2010.

HAGBERG, Sten. *Traditional Chieftaincy, Party Politics, and Political Violence in Burkina Faso. In: State Recognition and Democratization in Sub-Saharan Africa: A New Dawn for Traditional Authorities?* (eds) Lars Buur and Maria Hélène Kyed (eds) New York: Palgrave Macmillan, 2007.

\_\_\_\_\_. *Inventing and Mobilising the Local: Decentralisation and Citizen Participation in West Africa*. *APAD-Bulletin* 31-32. LIT Münster: Verlag, 3-34, 2010.

\_\_\_\_\_; KIBORA, L.; BARRY, S. GNESSI, S. and KONKOBO, A. 'Nothing will be as before': *Anthropological perspectives on political practice and democratic culture in 'a new Burkina Faso'*.

Uppsala Papers in Africa Studies 3. Uppsala: Uppsala University, 2018.

HONWANA, Alcinda. *The Time of Youth: Work, Social Change, and Politics in Africa*. Boulder, Colorado: Lynne Rienner Publishers, 2012.

\_\_\_\_\_. *Youth Struggles: From the Arab Spring to the Black Lives Matter & Beyond*. African Studies Review 62(1), March 2019, 8-21, 2019.

KLEIST, Nauja. *Modern chiefs: tradition, development and return among traditional authorities in Ghana*. African Affairs 110(441), 629–647, 2011.

MONGA, Célestin. *The Anthropology of Anger, Civil Society and Democracy in Africa*. Boulder, Colorado: Lynne Rienner, 1996.

PALEY, Julia. *Toward an Anthropology of Democracy*. Annual Review of Anthropology 31, 469-496, 2002

\_\_\_\_\_(ed.). *Democracy: Anthropological Approaches*. Sante Fe: School for Advanced Research Advanced Seminar Series, 2008.

POSTERO, Nancy and ELINOFF, Eli. *Introduction: A return to politics*. Anthropological Theory 19(1), 3–28, 2019.

SPENCER, Jonathan. *Anthropology, Politics, and the State: Democracy and Violence in South Asia*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

SUNDBERG, Molly. *Training for Model Citizenship: An Ethnography of Civic Education and State-Making in Rwanda*. New York: Palgrave Macmillan. Chapter 5: Model Citizens in the Making: Government as Designed, and Chapter 6: “Manufacturing” Model Citizens: Governing in Everyday Encounters, 2016.

WEST, Harry G. “*Govern Yourselves!*”: *Democracy and Carnage in Northern Mozambique*. In: *Democracy: Anthropological Approaches* (ed.) Julia Paley. Santa Fe: School for Advanced Research Advanced Seminar Series, 97-121, 2008.

WIDMARK, Charlotta. *Political Gender Dilemmas of Conflict and Complementarity in Bolivia: Quotas, Resistance and Parallelism*. kritisk etnografi: Swedish Journal of Anthropology 2(1-2), 33-49, 2019.